84

240

A CRIANÇA

ÓRGÃO DA ASSOCIAÇÃO PROTECTORA DA CRIANÇA
CONTRA A CRUELDADE E ABANDONO

JANEIRO
1 9 5 5

NÚMERO
1

SUMÁRIO

Declaração dos direitos da criança ✱ Apologia cristã da criança ✱ «Marina e a Camélia», novela por José Régio ✱ Valor e significado da infância, pelo Prof. Dr. Delfim Santos ✱ «Da infância», pelo Dr. Sant'anna Dionísio ✱ Um sulco social ✱ Antologia pedagógica ✱ O Mundo e a criança.

MARINA E A CAMÉLIA

O meu vizinho Daniel morreu há uns dias. E surpreendo-me a pensar nele mais do que julgara. Pobre homem!, já tinha a sua idade. Vivia duma pequena reforma, e cultivava flores. Isso nos aproximara, creio, pois sempre considerei poetas os homens que particularmente gostam de flores; e sempre tive por eles a curiosidade um pouco irónica, mas íntimamente afectuosa, que nos merecem os poetas que não fazem versos. Da janela do meu quarto, sobre telhados e pedaços de jardins, muitas vezes o via tratar o seu pequeno quintal. Era surpreendente, em Maio, o seu pequeno quintal, e ainda mais por ser pequeno! Parecia todo ele um cesto de flores. O velho Daniel passava aí a maior parte da reforma, tratando as suas plantas com atenções e subtilezas de namorado. Mas tinha, recentemente, a sua favorita: um pé de camélia que ainda não chegara a crescer muito, exigia cuidados de pessoazinha hipersensível, e dera três flores pelo mês de Janeiro do ano passado. Flores de imaculada brancura; mas carnudas, quase voluptuosas, (o enamorado Daniel levara-me a vê-las de perto) quiçá dum tom de carne que fosse branca de neve. Coitado do velho Daniel! Já não podia, há bem duas semanas, tratar do quintal, — o que para ele deveria ser morte antes da morte. E que vai ser, agora, do seu pé de camélia? Sempre considerei poetas os homens que particularmente gostam de flores. De flores, e de crianças.

Assim vou devaneando comigo, encolhido na gabardina, por esta fria manhã de Janeiro. Janeiro!... o pé de camélia do velho Daniel só deu este ano uma flor. Diante de mim, vai saltitando no passeio a Marina. Saltitando e manquejando, (uma coisa não lhe impede a outra), porque tem um pé meio entrapado, do qual só pousa no chão o calcanhar. Seis anos? Sete anos? As pernitas nuas e roxas. Qualquer pano como uma pequena saia travada lhe fica por cima da dobra do joelho, amarrado à cinta sobre um aproveitamento de camisola surrada que lhe cerca o busto raquítico. Leva uma garrafa vazia na mão inchada de frieiras, — vai, decerto, a um recado...
Cortaram-lhe o cabelo, que ainda conheci todo aos caracóis de oiro; cortaram-lho rente, como o dum rapaz das casas de correcção. Teve, talvez, alguma doença na cabeça! Ou talvez bichos de mais. Vou atrás dela, encolhido na minha gabardina, e ponho-me a reparar em todos estes pormenores com uma atenção porventura um

pouco mórbida. Este gelado e soturno Janeiro ataca-me os nervos...

Mas a Marina vai saltitando e cantarolando; apesar do frio, do pé entrapado e das frieiras. Não parece infeliz! Talvez se sinta contente, — a infância dispõe de infinitos recursos. Teria tido, na verdade, qualquer doença na cabeça? Ou cortaram-lhe os caracóis pela tal conveniência, de modo que mais parece um rapazito com um trapo à cinta? A mãe de Marina, que também era minha vizinha, morreu há dois anos. A respeito do pai da Marina, temos conversado! nunca se soube nada. Creio que, na vizinhança, toda a gente sempre mais ou menos admitiu sem dificuldade que a Marina tivesse nascido sem pai. Nascem vários garotos assim num certo meio. Quem tomou conta dela, depois da morte da mãe, foi uma prima também pobre, que mora mais abaixo, e, além de pobre, é velha e asmática.

O velho Daniel era celibatário. Ia lá, todas as manhãs, uma mulher de recados, e o resto do serviço era ele mesmo quem o fazia. Creio que, muitas vezes, para não cozinhar, bebia leite, ou comia fruta, ou limitava-se a pão, passas e vinho. Digo isto porque algumas vezes, da minha janela, o vi jantar no quintal, entre as suas flores; e o jantar era esse. Aliás, devia ter uma reforma exígua. Mas também me não parecia infeliz, o velho Daniel, entre as suas flores, não obstante julgarem os estranhos que vivia em grande solidão e desconforto. A velhice, como a infância, lá tem os seus recursos próprios! Entretanto, morreu. Agora, quem virá habitar o seu casebre? Que será feito das suas flores? sobretudo do seu pé de camélia, que era uma espécie de filha sua, ainda tão jovem que só no ano passado florira pela primeira vez, e exigia cuidados de pessoazinha niquenta, hipersensível...? Já ouvi dizer que vão arrasar tudo aquilo, que afinal pouco é: dois palmos de terra e uns muros velhos. Decerto para obras na rua, que está precisada.

A Marina entrou agora numa taberna, onde pode haver bêbados que dizem obscenidades até diante de crianças. Aliás, quaisquer pessoas da vizinhança também as dizem. Decerto, vai comprar um golo de vinho para a velha asmática; — diz a vizinhança que a asma lhe não proíbe gostar da pinga. Era mais bem tratada, a Marina, quando tinha a mãe viva. Ainda a conheci de caracóis loiros, com um grande laço de fita cor-de-rosa! Parecia uma boneca de gente rica. Mais bem tratada, apesar de ter nascido sem pai. Agora, com o cabelo cortado *à escovinha,* parece um rapazito de casa de correcção com um trapo à cinta a fazer de saia. E com frieiras em sangue, com o pé entrapado poisando o calcanhar na lama ou nas poças.. Mas não culpemos a velha asmática: faz o que pode. Se toda a gente fizesse o que pode!... Ainda é quem vale à Marina, essa velha asmática amiga da pinga. Morre também qualquer dia, e depois? Que será, depois, da Marina? Quem pegará nela? «Ora!...» — diz a gente da vizinhança, que não deixou de já ter previsto o caso — «lá se há-de criar!» E é a pura verdade: lá se há-de criar, se resistir.

Parece que é certo, que vão arrasar tudo aquilo, que pouco é, — o casebre e o quintalejo do velho Daniel. Para obras na rua, que está precisada. Teve pouca sorte, o seu pé de camélia! Poderia ter sido criado num jardim seguro, desses que não deitam abaixo porque já estão dentro do urbanismo, onde cresceria sob as atenções científicas dum jardineiro agaloado, e cada ano daria mais flores... Teve pouca sorte! sobretudo porque o Daniel era velho, e morreu. Assim, até a única flor que botou este ano vai ser brutalmente esmagada, rolada na lama, levada no entulho, apodrecida em qualquer estrumeira... E vem aí a Primavera, vem aí! Mas não; não exageremos. Este gelado e soturno fim de Janeiro faz mal aos nervos da gente, não é? A nossa camélia simplesmente murchará e cairá antes de principiarem as obras.

A Marina também poderia ter nascido noutro berço. Mesmo assim: mesmo assim, ainda poderá vir a ser uma grande senhora, ou a mãe dum Camões, ou simplesmente uma honrada mulher legítima dum homem honrado... ou, quem sabe lá!, coisa muito diferente. Quando se vê uma criança na rua, quem sabe o que poderá vir a ser? Conheço, numa certa casa de Lisboa, uma pobre mulher chamada Marina, e que dizem ser má mulher. O que é, é uma desgraçada. Tem, enquanto nova, algum dinheiro; mas os que lho dão só aumentam e insultam a sua desgraça.

Talvez, lá de onde está, — pois que sabe a gente a esse respeito? — o espírito do velho Daniel venha colher a sua camélia branca. Julgo que ainda lhe viu, em vida, despontar o botão, levaram-no ao quintal antes de morrer. Talvez, também, a alma da mãe de Marina... Que sabe a gente de seguro a respeito destas coisas? Ou, assim como nasceu sem pai, terá nascido a Marina sem Anjo da Guarda?! Vem aí a Primavera, vem aí! Mas ainda demora. E, por enquanto, este gelado e soturno Janeiro ataca os nervos da gente. E enche de frieiras as mãozitas roxas das crianças da rua.

N O V E L A P O R J O S É R É G I O

Valor e significado da infância

Pelo Prof. Dr. DELFIM SANTOS

A infância só depois de perdida se torna desejável. Como o desejável, neste caso, é impossível de alcançar-se, o adulto, em ressentimento, esquece, desvaloriza e maltrata, e algumas vezes surdamente inveja, o que jamais poderá possuir. Nem tudo é sua culpa. Mais fácil, porém, é culpar a criança por não ser adulto do que culpar-se o adulto por não compreender a criança. E a infância passa a ser vivida pelas crianças sob o signo da expiação. Expiação da culpa de não ser como o adulto, da culpa absurda de não ter culpa nenhuma. É certo que se repetem muitas vezes as palavras de Cristo, e Cristo compreendeu as crianças, mas os homens dificilmente compreendem Cristo. Aliás, as próprias palavras de Cristo são expressivas da situação da criança em todos os tempos neste mundo em que o aparentemente inútil não tem direito à plena existência. Aparentemente inútil por não pertencer ao imediatamente rendoso e, no entanto, é desta escandalosa inutilidade que provém o agente de tudo quanto é humano e que será tanto mais belo quanto mais infantilmente a infância for vivida pela criança. A sociedade esqueceu isto e condenou a criança à expiação da situação dos pais ou da falta de pais. É preciso que a vergonha tenha desaparecido escandalosamente do mundo para, como civilizados, tratarmos de mil e uma questões de grande importância internacional esquecendo esta coisa simples e sem importância aparente: que há perto de nós crianças com fome e com frio, sem lar e sem carinho, sem assistência e sem amor.